

RELAÇÕES CULTURAIS NA TRÍPLICE FRONTEIRA (ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI): A QUESTÃO DOS “BRASIGUAIOS”

Márcio Roberto Coelho dos Reis¹
Colégio Pedro II

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um olhar multiculturalista sobre a região da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), a partir das vivências e experiências de um segmento específico de sua população, os chamados “brasiguaios”. Busca-se compreender as dinâmicas socioculturais desenvolvidas nesta região a partir do conceito de “fronteiras em movimento”, no qual as áreas de fronteira são consideradas “fluidas e permeáveis” aos mais variados tipos de interação social.

Palavras-chave: Tríplice Fronteira; “Brasiguaios”; Fronteiras em Movimento; Cultura

CULTURAL RELATIONS IN THE TRIPLE BORDER AREA (ARGENTINA, BRAZIL, PARAGUAY): THE ISSUE OF “BRASIGUAIOS”

ABSTRACT

This paper aims to present a multicultural look at the region of the Triple Border Area (Argentina, Brazil and Paraguay), from the experiences and experiments of a specific segment of the population, the so-called "brasiguaios". We seek to understand the socio-cultural dynamics in this region developed from the concept of "moving boundaries", in which the border areas are considered "fluid and permeable" to all kinds of social interaction.

Keywords: Triple Border Area; “Brasiguaios”; Moving Boundaries; Culture

RELAÇÕES CULTURAIS NA TRÍPLICE FRONTEIRA (ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI): A QUESTÃO DOS “BRASIGUAIOS”

INTRODUÇÃO

Recentemente, no dia 22 de junho de 2012, o presidente do Paraguai, Fernando Lugo, foi destituído do cargo após um processo relâmpago conduzido pelo Congresso paraguaio (que durou 48 horas), com o respaldo do Judiciário, no qual o presidente teve poucas horas para organizar a sua defesa. O evento, considerado um

¹ Professor do Departamento de História do Colégio Pedro II. Graduado e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Graduação *Lato Sensu* em História das Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marciocr@ig.com.br

“neogolpe” por alguns especialistas (LIMA, 2012) e rechaçado pelos Estados parceiros do Mercosul, foi orquestrado pela oposição ao governo Lugo com base em uma série de acusações que versavam sobre a incapacidade do presidente em resolver os impasses sociais do país. O estopim da crise do *impeachment* foi um conflito entre policiais e camponeses sem-terra do Paraguai, conhecidos como “carperos”, ocorrido em 15 de junho no distrito de Curuguaty, com soma de dezessete pessoas (entre ambos os lados) mortas. A questão da terra é, há muito tempo, um foco de intensos conflitos e disputas no Paraguai, principalmente quando há o envolvimento de imigrantes brasileiros e seus descendentes, proprietários de terra e trabalhadores rurais conhecidos como “brasiguaios”.

Residentes em departamentos paraguaios ao longo da fronteira com o Brasil, os “brasiguaios” formavam, em 2002, a segunda maior comunidade de brasileiros vivendo no exterior (quase meio milhão de pessoas), e tem a maior quantidade de brasileiros que vivem nos países vizinhos (ALBUQUERQUE, 2009b). As migrações ocorrem a partir de diversos pontos da fronteira do Paraguai com os estados brasileiros do Mato Grosso do Sul e Paraná, mas é este último que desperta maior atenção devido ao peso econômico das cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, o epicentro da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina (cuja cidade limítrofe, Puerto Iguazu, não possui a mesma estatura das vizinhas). Assim como a situação dos “brasiguaios” está associada a inúmeros conflitos políticos, sociais e culturais nos departamentos paraguaios por eles habitados, a Tríplice Fronteira possui a alcunha de “região conflitiva”, “zona de crimes” e, mais recentemente, “foco latino-americano financiador do terrorismo internacional” (ABBOT, 2005).

Entender a dinâmica própria das áreas de fronteira tendo como base a multiculturalidade intrínseca a elas e as frequentes manifestações de soberania por parte dos Estados Nacionais limítrofes são pressupostos fundamentais ao entendimento da situação que envolve a grande quantidade de imigrantes que habitam tais áreas. Assim, neste texto abordaremos a questão dos “brasiguaios” no Paraguai em relação à compreensão da Tríplice Fronteira como uma área

multifacetada que, para além dos estereótipos tipicamente atribuídos à região, reúne outros significados políticos, sociais e culturais. Pretendemos elucidar algumas questões iniciais referentes à constituição e dinâmica da Tríplice Fronteira, objeto de minha pesquisa², a partir de uma abordagem acerca da questão dos “brasiguaios”.

“BRASIGUAIOS” NO PARAGUAI: HISTÓRICO E CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

Os fluxos migratórios de brasileiros em direção ao Paraguai foram iniciados no final da década de 1950, se intensificando ao longo das décadas de 1960 e 1970, principalmente em virtude da construção da hidrelétrica de Itaipu e dos incentivos do governo ditatorial de Alfredo Stroessner (ALBUQUERQUE, 2009a; 2009b, p. 138). Embora o contexto das políticas de reaproximação entre Brasil e Paraguai nos anos 1970 coincida com o período de crescimento das migrações dos brasileiros, segundo Albuquerque, não se pode considerar que houve uma relação causal única entre os fatos para se explicar a presença de milhares de brasileiros na fronteira do Paraguai, mas sim que “existiu uma junção de um processo espontâneo de deslocamento populacional, devido à concentração da propriedade nos estados do Sul do Brasil, com os interesses geopolíticos dos governos brasileiro e paraguaio em controlar e desenvolver a região leste daquele país.” (ALBUQUERQUE, 2009b, p. 141). Concomitantemente à construção de Itaipu, avançavam nas fronteiras paraguaias o cultivo da soja, e com ele a compra de terras aos pequenos produtores (tanto paraguaios quanto brasileiros, que ocupavam as áreas agrícolas com uma pequena produção diversificada de subsistência), iniciando o processo de concentração e mecanização das propriedades agrícolas.

Segundo Albuquerque (2009b), a concentração de imigrantes brasileiros se deu tanto nos departamentos paraguaios que fazem fronteira com o Brasil (Alto Paraná, Canindeyú e Amambay) como nos de Itapua, Caaguazu e Caazapá, mais ao interior. Os habitantes dessas regiões possuem diversos vínculos de ordem comercial, familiar e de

² Refiro-me, aqui, à minha pesquisa para a elaboração da dissertação de Mestrado em Relações Internacionais intitulada “Defesa e Segurança do Brasil na América do Sul: o caso da Tríplice Fronteira”, pelo PPGRI da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

serviços sociais com o arco formado pelas cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, sendo a cidade brasileira “o lugar privilegiado de acesso a direitos sociais, civis e políticos para essa ampla ‘comunidade de brasileiros’ que vive do outro lado da fronteira política” (ALBUQUERQUE, 2009b, pp. 142-143).

Os primeiros brasileiros chamados de “brasiguaios” foram camponeses e suas famílias que retornaram ao Brasil em 1985, empobrecidos e na condição de sem-terra (acolhidos pelo MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra). Esse retorno foi motivado, principalmente, pela nova dinâmica da economia da terra no Paraguai, da inclusão de novas técnicas de trabalho à introdução do cultivo da soja. No MST, os migrantes repatriados esperavam obter novas terras em território brasileiro, recebendo apoio de amplos setores da sociedade, como as pastorais da Igreja, com ampla divulgação na mídia. Nesse contexto, o termo “brasiguaião” surge como identificador destes brasileiros sem-terra recém-emigrados e, também, como bandeira de sua luta, assim como na representação feita pela imprensa (SPRANDEL, 2006; SILVA, 2010).

Hodiernamente, “brasiguaios” podem ser brasileiros pobres que vivem no Paraguai, ou mesmo os que voltaram ao Brasil; brasileiros ricos que exploram os camponeses pobres na nação vizinha; os filhos dos imigrantes brasileiros que já possuem a cidadania paraguaia; ou mesmo todos os imigrantes brasileiros que vivem em território paraguaio (ALBUQUERQUE, 2009a). Segundo Sprandel, em se tratando dos brasileiros que vivem no Paraguai, para além das definições simplistas que circulam em ambos os lados da Ponte da Amizade, é possível assumir a seguinte classificação:

- 1) proprietários de terras, comerciantes e madeireiros, com documentos regularizados e estratégias de integração na vida política e econômica local;
- 2) pequenos proprietários de terra com algumas outras atividades (arrendamentos, assalariado rural, motorista de caminhão e de máquinas agrícolas), espalhadas por toda a faixa de fronteira;
- 3) empregados nos setores agrícola, comercial e madeireiro;
- 4) ex-arrendatários no Alto Paraná que hoje são peões que trabalham em outros departamentos de forte presença brasileira;
- 5) os que estão em situação marginal (prostitutas, prisioneiros, meninos e

meninas em situação de risco, etc); 6) aqueles ligados ao crime organizado (quadrilhas de roubo de carros, tráfico de drogas, recrutamento de prostitutas e jogos de azar). (SPRANDEL apud ALBUQUERQUE, 2009a, p. 4).

Aproveitando-se da liberalização da compra de terras por estrangeiros implementada no regime Stroessner (1954-1989), formou-se ao longo do tempo no Paraguai uma parcela de brasileiros proprietários de médio porte, que, além de auferir um razoável poder econômico na região, passou a disputar e ocupar cargos políticos nos municípios paraguaios nos quais há maioria de “brasiguaios”. Como vereadores e prefeitos, os brasileiros residentes no Paraguai procuram defender os interesses das comunidades “brasiguaias”, apresentando-se como políticos modernos que trazem o progresso e o desenvolvimento ao país, rompendo com o atraso e o autoritarismo então reinantes na política paraguaia. Alguns periódicos paraguaios, como o ABC Color, já manifestaram uma opinião favorável aos imigrantes, os apresentando “como portadores legítimos do desenvolvimento do país” (ALBUQUERQUE, 2009a, p. 13).

A influência da cultura brasileira se impõe na zona de fronteira na qual se fixaram os “brasiguaios”, através do uso da língua portuguesa como idioma preferencial de comunicação, além da presença das músicas, danças, culinária, tradições, e, inclusive, meios de comunicação provenientes do Brasil, principalmente dos canais de TV, com noticiários e dramaturgia brasileiras. O acesso fácil a antenas parabólicas contribui para a permanência, pela mídia, da “imagem do Brasil” no cotidiano da população de fronteira, sendo significativo mesmo para as crianças e jovens que estudam espanhol, geografia e história do Paraguai nas escolas (Albuquerque, 2009b). Contudo, entendemos que estas permanências culturais brasileiras referem-se mais às dinâmicas socioeconômicas da ocupação “brasiguaias” nas zonas fronteiriças e suas interações com os dois lados da fronteira, do que por uma “transferência cultural”, quer dizer, acreditar que os migrantes “carregam” aspectos de sua cultura para reproduzi-los no novo ambiente, de modo a manter suas referências. Para Alejandro Grimson, *como la cultura no se porta em la sangre, como la cultura está vinculada a contextos sociales específicos y a desigualdades de poder*

históricas, cualquier definición que utilicemos de “cultura” debe implicar necesariamente sus procesos de cambio (GRIMSON, 2011, p. 37).

Diante do cenário brevemente traçado até aqui, não é difícil verificar a complexidade da questão quando colocada nos termos da soberania paraguaia, e, também, dos impactos sociais que a presença maciça dos “brasiguaios” promove em relação aos paraguaios trabalhadores do campo (os *campesinos*). Estes últimos acusam os migrantes brasileiros de contribuírem para a precariedade social da população paraguaia, não só pela já mencionada compra de terras dos camponeses paraguaios e brasileiros pobres, mas também pela introdução no país da cultura da soja transgênica, que interfere no desenvolvimento de outras culturas agrícolas. Nas últimas décadas, intensificaram-se os conflitos por terras na região leste da fronteira, com invasões promovidas pelos *campesinos* sem-terra paraguaios; ressalve-se, entretanto, como chama a atenção Albuquerque (2009b), que estas não atingem apenas os “brasiguaios”, mas também outros imigrantes proprietários, tais como coreanos, alemães, árabes, libaneses, chineses, menonitas e norte-americanos.

A querela entre *campesinos* e “brasiguaios” não se resume à questão fundiária; tem no nacionalismo uma de suas principais fontes, que, inclusive, remete aos ressentimentos legados pela Guerra da Tríplice Aliança de 1865-1870, e à mal resolvida delimitação das fronteiras entre os dois países advinda dos acordos de paz e tratados subsequentes. Menções ao “imperialismo brasileiro” servem como aglutinador das demandas nacionalistas por soberania territorial e pela defesa dos recursos ambientais. Com relação à quantidade de brasileiros vivendo nos departamentos paraguaios, fala-se em “invasão brasileira”, mesmo nos órgãos de imprensa, alguns destes enfatizando que os imigrantes contribuem para o êxodo rural, a marginalização camponesa e a destruição ambiental. A presença de “brasiguaios” em cargos públicos eletivos em diversos municípios também preocupa esses setores (ALBUQUERQUE, 2009a).

O quadro de tensões e conflitos envolvendo a “questão brasiguiaia”, ora apresentado, é bastante útil para se pensar a relação entre as consequências

socioculturais das migrações transnacionais e translocais (na díade defendida por Grimson, 2011), especialmente no tocante ao epicentro territorial dos fluxos migratórios entre Brasil e Paraguai, a região da Tríplice Fronteira. Ao redor do triângulo Ciudad del Este – Foz do Iguaçu – Puerto Iguazú formam-se redes de sociabilidades constantes entre os migrantes e os “locais” que reorientam o nosso olhar acerca das interações transfronteiriças na região.

TRÍPLICE FRONTEIRA, “FRONTEIRAS”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

Das nove tríplices fronteiras que o Brasil possui, a dividida com Paraguai e Argentina é a mais notória, principalmente por esta interseção possuir três cidades de alguma relevância econômica e demográfica: Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad Del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Juntas, estas cidades somam uma população de mais de 500 mil habitantes. Os marcos divisórios das cidades são os rios Paraná e Iguaçu (que se encontram nessa região), e são interligadas pelas Pontes da Amizade (Foz – Ciudad) e Tancredo Neves (Foz – Puerto).

A região começou a ser povoada em fins do século XIX (1888), numa ocupação simultânea de Brasil e Argentina após a Guerra do Paraguai. Este ponto de encontro foi considerado estratégico em termos geopolíticos pelos dois governos, mas, até a década de 1940, o povoamento foi esparso na região. O acirramento das disputas pela preponderância no cenário geopolítico sul-americano entre os dois países, a partir dos anos 1950, provoca um incremento da ocupação e povoamento da Tríplice Fronteira, fenômeno que encontra o seu auge na década de 1970, época da construção da barragem e da usina hidrelétrica de Itaipu. Um grande fluxo migratório se firmou na região, não apenas entre brasileiros, argentinos e paraguaios. Ciudad Del Este e Foz do Iguaçu estavam se tornando, desde o final da década de 1960, um dos principais destinos de imigrantes de origem árabe no Brasil. Estes migravam de seus países em virtude dos vários conflitos ocorridos no Oriente Médio na segunda metade do século XX, com destaque para os refugiados da Guerra Civil do Líbano (1975-1990). Estimativas mais recentes – embora não totalmente corretas ou confiáveis –

enumeram cerca de 18.000 imigrantes de origem árabe na região, majoritariamente libaneses, confirmando a Tríplice Fronteira como a segunda maior comunidade de descendência árabe da América Latina, abaixo apenas de São Paulo (AMARAL, 2010, p. 30).

A Ponte da Amizade é o principal canal de comércio exterior na fronteira sul do Brasil. Milhares de compradores, entre consumidores individuais e os que buscam mercadorias no atacado para revenda – os “sacoleiros” – atravessam a ponte diariamente, de Foz do Iguaçu a Ciudad del Este, em busca dos cobiçados produtos importados de baixo custo. O Paraguai hoje é a principal porta de entrada dos produtos importados da Ásia, em especial os “made in China”, sendo uma das atividades econômicas mais importantes, da qual dependem inúmeras famílias. No caso específico de Ciudad del Este, atuam no comércio de importados tanto famílias paraguaias quanto de outras nacionalidades, especialmente brasileiros, sejam os que vivem no Paraguai ou aqueles que atravessam a Ponte todos os dias e, ao fim do expediente retornam, ao Brasil.

Além do comércio de importados, que, malgrado a circulação de mercadorias pirateadas e os diversos casos de fraudes na venda dos produtos (aparelhos eletrônicos que só funcionam na loja ou caixas e embalagens que, quando abertas, revelavam pedras e outros contrapesos em seu interior), é considerado lícito pelo governo paraguaio, Ciudad del Este e a Tríplice Fronteira, de modo geral, também abrigam atividades comerciais ilícitas diversas, muito noticiadas pela imprensa brasileira e argentina (e organismos de segurança e inteligência dos Estados Unidos),

[...] como um lugar de tráfico de drogas e armas, de lavagem de dólares, de venda ilegal de cigarros, ‘paraíso de contrabandistas’, santuário da corrupção, impunidade e delinquência, espaço de trânsito de sacoleiros e refúgio de traficantes (...) A Ponte da Amizade é o foco principal do comércio fronteiriço e das imagens construídas sobre essa fronteira. As notícias abordam os bloqueios nesta ponte, o aumento da fiscalização e da apreensão das mercadorias vindas do Paraguai, as cenas de violências entre policiais e sacoleiros, bem como os controles e as proibições das entradas de trabalhadores brasileiros no Paraguai. As mercadorias

‘pirateadas’ ou sem nota fiscal compradas em Ciudad del Este e revendidas em todas as cidades brasileiras ajudam também a cristalizar preconceitos sobre a nação vizinha, tais como ‘país da falsificação’, ‘tudo que é do Paraguai não presta’, etc. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 49)

Ao tratarmos das atividades ilícitas que permeiam a fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, concordamos com Albuquerque (2005, p. 52) quando este afirma que essas informações produzem generalizações e reforçam estigmas. Assim, as representações não significam ilusões ou mentiras construídas sobre uma realidade social verdadeira e concreta; são parte da realidade social, são produções simbólicas repletas de significados.

Devemos observar as fronteiras nacionais como fenômenos bem mais complexos, não se resumindo a limites, divisas, tratados diplomáticos, ou mesmo ser simplificados como o lugar do narcotráfico e do contrabando. A realidade fronteiriça não é tão simples como os limites estabelecidos nos mapas e também não se resume a um mero problema social relacionado à violência e ao tráfico de drogas. Não existe a fronteira em abstrato, o que existem são situações sociais e singulares de fronteiras. Alguns fenômenos podem ser generalizados para outros contextos fronteiriços e outros são específicos de uma dada configuração social. Assim, nosso olhar sobre a Tríplice Fronteira é embasado nas discussões apresentadas por Albuquerque (2005), Fogel (2008), e Silva (2010), que pensam a questão das fronteiras a partir de um ponto de vista dinâmico.

Para Albuquerque, utiliza-se o termo “fronteira” tanto no aspecto territorial, delimitando espaços geográficos ocupados pelos mais heterogêneos agrupamentos humanos, como no sentido simbólico. Quando se pensa na ideia de limite internacional, este é geralmente compreendido no senso comum como uma fronteira natural. A fronteira é uma zona, uma faixa ou região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite, que não tem extensão precisa e varia em cada situação específica. Já o limite internacional é denominado de linha de fronteira. O limite é abstrato e invisível, fruto de um tratado jurídico

internacional ou delimitação. A divisa representa a visibilidade na paisagem geográfica deste limite invisível. Ele é percebido através da construção de marcos visíveis, a demarcação, e da criação de controles alfandegários e de instituições militares que fiscalizam a saída e entrada de mercadorias e pessoas.

Ainda segundo o autor, as fronteiras nacionais são criações humanas, delimitadas e demarcadas sucessivamente de acordo com os processos de ocupação militar, demográfica, econômica, política e cultural que ocorrem nos territórios fronteiriços. Destaca dois autores que definem as fronteiras de um ponto de vista mais humano: Macclancy, quando diz “como tais as fronteiras não existem. São uma criação artificial. São entidades mentais, não físicas.” (Macclancy apud ALBUQUERQUE, 2005, p. 48); e Bourdieu:

As fronteiras são produtos de atos jurídicos artificiais, de disputas de poder e a vontade política é capaz de construir diferenças culturais em contextos históricos semelhantes. Há uma relação recíproca entre política e cultura na definição das fronteiras territoriais dos Estados Nacionais. A ação política cria, principalmente através da educação escolar, cidadania, línguas nacionais e outros sistemas de comunicação, as diferenças culturais em um determinado espaço fronteiriço onde predominam semelhanças no estilo de vida da população local. (...) As fronteiras geográficas são preenchidas com significados políticos e culturais e funcionam com ‘campos de luta pela delimitação legítima’. (Bourdieu apud ALBUQUERQUE, 2005, p. 48)

É a partir destas reflexões que Albuquerque chega ao desenvolvimento do conceito de *fronteiras em movimento*, o qual define da seguinte forma:

O conceito de fronteiras em movimento congrega as tensões culturais e simbólicas, discutidas anteriormente, e acrescenta as dimensões geopolítica, econômica e civilizacional das denominadas frentes de expansão. Nessa perspectiva, as fronteiras estatais não são estáticas, são como organismos vivos ou fronteiras vivas e se estruturam mediante processos de expansão ou retração. (...) Perceber a fronteira como um espaço de tensão não significa dizer que apenas se considerem as ações conflituosas, mas principalmente as formas contraditórias de conflito e de integração econômica, política, cultural e simbólica. O conceito das fronteiras em movimento

tenta articular os conceitos de frente de expansão econômica, imigração fronteiriça, fronteira nacional e identidade situacional na discussão do fenômeno fronteiriço atual. (ALBUQUERQUE, 2005, pp. 60;70).

Refletindo de maneira semelhante, Fogel (2008) inicialmente afirma que pensa a fronteira como uma região. Em sua abordagem, a região de fronteiras está constituída por múltiplas relações (econômicas, sociais, políticas, trabalhistas, culturais, pessoais, etc.) entre atores de naturezas diversas, que configuram um espaço transnacional; este espaço está marcado por contrastes entre os países que compartilham a fronteira e no interior de suas regiões. As assimetrias mais notáveis são a pobreza e a desigualdade. Segundo o autor, a construção e controle do território, com suas atividades e processos, nesse espaço implicam relações de poder entre os atores envolvidos, alguns extrarregionais.

Por fim, Silva (2010) nos apresenta o conceito de *fronteiras transfronteiriças*, no qual as fronteiras, tidas como espaços mutáveis e flexíveis, são analisadas em conjunto ao fenômeno das migrações. Logo, as *fronteiras transfronteiriças* são

[...] um meio de expressar o caráter instável e maleável da fronteira, como vivemos atualmente, em que territórios, espaços e nações redefinem constantemente suas existências. A noção vem sendo utilizada como um modo de deixar entreabertos os espaços, constituídos e constituintes na interação entre fronteiras e migrantes. O termo permite mostrar como os movimentos migratórios são sempre incertos e inconclusos quanto às suas identificações, suas pertenças, ações e resistências frente às diferenças multiculturais. (SILVA, 2010, pp. 32-33).

Silva aponta que as experiências transfronteiriças acabam exigindo dos migrantes que seus sentidos e suas pertenças sociais sejam flexíveis diante da vivência entre fronteiras. E reconhece que a fronteira é um espaço de conflitos, mas é também um espaço de sociabilidades. Estamos falando, portanto, de um espaço política e juridicamente delimitado – a Tríplice Fronteira –, porém fluido e maleável, sobre o qual incorrem diversos fluxos migratórios que dinamizam as relações sociais, culturais

e econômicas desta área limítrofe, influenciando a formação das identidades locais e gerando conflitos e inimizades tanto quanto interação e cooperação.

Já que possuímos instrumentos para pensar a natureza das fronteiras, como poderíamos interpretar a natureza, ou mesmo o objetivo, das migrações? Sem qualquer pretensão em estudar a fundo essa questão, mas apenas em apontar um caminho possível, encontramos em Corsini (2006) a ideia de *autonomia das migrações*, na qual são as pessoas, as redes familiares e afetivas, muito mais do que os governos, que dão forma às migrações. Segundo o autor, “o eixo central desta tese continua sendo o trabalho, porém privilegiando o aspecto da autonomia dos que partem de um território em busca de liberdade, de novos lugares para viver, novas possibilidades de trabalho, novas possibilidades de produzir a própria vida.” (CORSINI, 2006, p. 30).

OS “BRASIGUAIOS” E A TRÍPLICE FRONTEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Néstor Garcia Canclini, em livro sobre a (busca da) identidade latino-americana neste século ainda tão recente (CANCLINI, 2008), atribui às migrações a capacidade de tornar difusa a identidade do próprio migrante latino-americano, e também de criar dificuldades para os Estados administrarem o sentido de sua própria nacionalidade. Identificando as migrações em massa como um dos fenômenos típicos do processo de globalização econômica e cultural, Canclini afirma que estas estão modificando de muitas maneiras a localização da “latino-americanidade” no mundo. “A abertura de fronteiras vem de mãos dadas com novas formas de discriminação. As melhores condições de sobrevivência local, que possibilitam as remessas dos emigrantes, devem ser vistas junto com o desarraigo e a desintegração de comunidades históricas.” (CANCLINI, 2008, p. 26).

Menciona ainda o fato de que as nações não possuem mais fronteiras ou alfândegas fechadas, e que os milhões que deixam seus países continuam a manter sua identidade cultural em outras regiões. “O significado da latino-americanidade não pode ser definido apenas observando o que acontece dentro do território historicamente delimitado como América Latina”. (CANCLINI, 2008, p. 33). Afirma,

ainda, que estão acontecendo na América Latina “integrações silenciosas”: a América Latina está integrando-se culturalmente – e entrando em conflitos interculturais – por meio de processos não programados politicamente, o que seria o caso das migrações em massa.

Decerto podemos reconhecer algumas das questões apontadas por Canclini no tocante à região da Tríplice Fronteira, e em especial na questão dos imigrantes “brasiguaios”. A questão das “identidades difusas”, seja a brasileira, a paraguaia, ou a latino-americana (como defende Canclini), aparece como uma das características mais notáveis desse processo já consolidado de migrações entre os dois países. O fato de viverem em outro país, de língua, cultura e sociabilidades diferentes não impediu que estes imigrantes mantivessem um contato pleno com sua cultura de origem, e a usassem como um instrumento de autoafirmação. Por outro lado, estes migrantes brasileiros eram “brasiguaios”, para os camponeses paraguaios, neste caso com intuito desqualificador.

As migrações ao Paraguai intensificaram-se, também em concordância com Canclini, a partir de um movimento econômico da década de 1970 – a construção de Itaipu –, e devido às mudanças processadas na cultura agrícola paraguaia. Se entre as décadas de 70 e 80 do século XX, quando a globalização existia como prática e não como conceito, as migrações foram motivadas pelos interesses dos Estados brasileiro e paraguaio, a partir da década de 90, e já sob o “jugo” da globalização enquanto conceito, meio e fim, as migrações obedecem a outras dinâmicas, mais autônomas e autossuficientes, que remetem aos conceitos apresentados na sessão anterior.

Assim, entendemos a região da Tríplice Fronteira como uma *grande fronteira em movimento*, no sentido em que esta mantém uma grande pluralidade política, jurídica, econômica, cultural e simbólica. É dessa maneira que se pode compreender, por exemplo, a intensa atividade comercial que percorre a Ponte da Amizade, assim como a dinâmica social que engloba as “cidades irmãs” Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, com pessoas que cruzam a fronteira pela manhã para trabalhar e a atravessam novamente ao anoitecer (talvez haja aqui o processo de “integração silenciosa” de que

nos fala Canclini). Sobretudo, acreditamos que a Tríplice Fronteira apresenta em seu bojo experiências *transfronteiriças*, no sentido de que tais experiências acabam exigindo dos migrantes que seus sentidos e suas pertencas sociais sejam flexíveis diante da vivência entre fronteiras. Daí termos na questão “brasiguaias” um interessante caso de interação sociocultural interfronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOT, Phillip K. A Ameaça Terrorista na Área da Tríplice Fronteira: Mito ou Realidade? *Military Review* (edição brasileira), p. 18-23, jan./fev. 2005. Disponível em: [http://usacac.army.mil/CAC2/Repository/materials/MilitaryReview\(POR\)-200502280001-DOC.pdf](http://usacac.army.mil/CAC2/Repository/materials/MilitaryReview(POR)-200502280001-DOC.pdf). Acesso em 10/11/2012.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.
- _____. Os brasiguaios e os conflitos sociais e nacionais na fronteira Paraguai-Brasil. Rio de Janeiro: OPSA/IUPERJ/UCAM, *Análise de Conjuntura* (n.02, fev. 2009), (a).
- _____. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009(b).
- AMARAL, A. B. *A Tríplice Fronteira e a Guerra ao Terror*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- CANCLINI, N. G. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CORSINI, L. Repensando a identidade no contexto das migrações. *Psicologia e Sociedade*; 18 (3), p. 23-33, set./dez. 2006
- FOGEL, R. La región de la triple frontera: territorios de integración y desintegración. *Sociologías*. Porto Alegre, ano 10, n. 20, p. 270-290, jun./dez. 2008.
- GRIMSON, A.. Doce equívocos sobre las migraciones. *Nueva Sociedad*. Buenos Aires, n. 233, p.34-43, mayo-junio de 2011.
- LIMA, M. R. S. Precedente Perigoso. *Dossiê Paraguai*. Observador On-Line. Rio de Janeiro: OPSA/IESP/UERJ (v. 7, n. 06, jun. 2012).
- SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 20, n. 57, ago. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 fev. 2014.
- SILVA, D. L. Guimarães da. “Um pé aqui e outro lá”: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios (Marechal Cândido Rondon/PR – 1990-2010). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2010.